

# SOMBRAS PASSADAS



# SOMBRAS PASSADAS

MARK MILLS

Título original  
*House of the Hanged*

Copyright da edição original  
© Mark Mills 2011

Copyright da edição portuguesa  
© 2011 Civilização Editora  
Todos os direitos reservados

Capa © Corbis/VMI

Adaptação da capa  
Civilização Editora

Tradução  
Isabel Baptista

Revisão  
Civilização Editora

Pré-impressão, impressão e acabamentos  
CEM Artes Gráficas

1.ª edição em julho de 2013

ISBN 978-972-26-3488-5  
Depósito Legal 361709/13

Civilização Editora  
Rua Alberto Aires de Gouveia, 27  
4050-023 Porto  
Tel.: 226 050 900  
geral@civilizacaoeditora.pt  
www.civilizacao.pt



“O homem não é anjo nem besta; e por desgraça quem quer ser anjo acaba por ser besta.”

Blaise Pascal (1623-1662)



## *Capítulo Um*

*Petrogrado, Rússia. Janeiro de 1919*

No momento em que o guarda chamou o seu nome, ela sentiu o peso dos olhos das outras mulheres em cima de si.

Não fazia sentido, não correspondia ao relógio sinistro que regulava as suas vidas. Já era tarde para um interrogatório e ainda faltava um bocado para a hora habitual das execuções.

– Irina Bibikov – exclamou o guarda mais uma vez, com a sua silhueta negra recortada na porta aberta da cela às escuras.

Ela estava encolhida na sua tarimba, com as costas encostadas à parede e os joelhos contra o peito para se aquecer, tão apertada quanto a sua nova barriga lhe permitia. Endireitou-se e pôs-se de pé desajeitadamente, apoiando a mão na pedra húmida para se amparar.

O guarda afastou-se da porta. Ela já sabia que não o devia olhar diretamente quando passou por ele e saiu para o corredor.

A pestanejar à luz gelada e branca da lâmpada nua, ouviu brevemente o murmúrio das orações que diziam por ela antes de o guarda fechar a porta de aço atrás de si.

Tom conteve o impulso de se apressar. “Nada que levante suspeitas”, disse a si mesmo. Os seus documentos, apesar de falsos, estavam em ordem, suficientemente bons para passarem por uma observação atenta. Ele sabia disso porque tinha sido mandado parar por uma patrulha da Cheka nesse mesmo dia quando atravessava a Praça Suvoroff.

Eram dois, uns homenzinhos baixos com sobretudos informes que lhes chegavam quase aos tornozelos, e tinham apreciado a sua autoridade sobre Yegor Sidorenko. O nome era ucraniano, para disfarçar o embaraço ligeiro, mas indisfarçável, no sotaque de Tom. Ele tinha-lhes chamado “Camaradas”, eles tinham-lhe chamado “cão ucraniano” antes de o mandarem seguir. Tinha passado mais de um ano desde o golpe bolchevique, mas era evidente que o espírito de irmandade tão amplamente alardeado por Lenine, por Zinoviev e pelos outros ainda tinha de chegar aos ouvidos da sua polícia secreta. Que se lixem os altos ideais. Que se lixe a Revolução.

Tom sabia que podia não ter tanta sorte se fosse mandado parar novamente, mas só quando passou pelo número 2 da Gorokhovaya é que lhe ocorreu que se poderia ver cara a cara com os mesmos dois polícias a entrar ou a sair da sua sede.

Havia patrulhas de um lado para o outro, a passarem pelo alto portão em arco, rasgado na fachada cinzenta. Lá por trás ficava o pátio central, onde as execuções tinham lugar, onde os corpos eram carregados para a traseira dos camiões, cuja paragem seguinte, o terminal, era uma vala qualquer sem nome, cavada no chão duro, para lá dos limites da cidade.

Pelo menos o vento cortante do norte que varria as ruas da capital russa permitia-lhe puxar o cachecol por cima do nariz, escondendo-lhe o rosto. Ao fazer isto, lançou uma olhadela furtiva pelo arco, para lá das sentinelas que estremeciam nos seus postos.

O que é que ele procurava? Sinais de atividade invulgar, alguma indicação de que o plano já tivesse sido comprometido. Não viu nada de assinalável, apenas um pátio envolvido pela escuridão que se adensava e as silhuetas indistintas de homens e de veículos.

Avançando a custo pela neve alta, Tom amaldiçoou em silêncio o facto de Irina ainda não ter sido transferida para uma das prisões estatais, Shpalernaya ou Deriabinskaya, onde a segurança era consideravelmente mais descuidada e o suborno era endémico. Em vez disso, a sua única opção era tentar resgatá-la do covil da fera.

\* \* \*

Era uma cave, pequena mas vazia. Havia algumas esfregonas metidas nos seus baldes a um canto e algumas latas grandes de líquido de limpeza empilhadas no outro, mas os olhos de Irina foram atraídos para o banco de madeira isolado no meio da divisão. Em cima dele estavam algumas roupas, impecavelmente dobradas, com dois papéis pousados em cima.

Um era um passe de visitante em nome de Anna Constantinov. O segundo estava escrito à mão: "*Catedral de St. Isaac.*" As palavras estavam escritas em inglês e ela reconheceu a letra.

– Rápido – disse o guarda. Era o mais jovem dos três que vigiavam as prisioneiras, pouco mais do que um rapaz, com um bigode que era uma trágica introdução à masculinidade. – Mude de roupa.

Irina olhou para o papel na sua mão, mal acreditando que aquilo estava a acontecer, a tentar imaginar tudo a que Tom se tinha arriscado, os perigos que ele tinha enfrentado, a travessia da fronteira da Finlândia...

Era quase inconcebível.

– Rápido – sussurrou o guarda.

Tinha o ouvido encostado à porta, mas os seus olhos continuavam fixos nela – olhos jovens e ávidos, na esperança de ter um vislumbre de carnes femininas.

Ela fez-lhe a vontade de bom grado. Podia dar ao rapaz alguma migalha de conforto no final da sua curta vida. Imaginou quanto dinheiro lhe teria sido prometido. Mais do que o suficiente para o tirar dali em segurança, para fora do país. Ficar iria certamente significar a morte diante de um pelotão de fuzilamento. Ela baixou a vista para a barriga, para a curva ainda estranha, para a pele pálida e esticada em volta do umbigo.

Já vestida, com as roupas sujas empilhadas no chão aos seus pés, ela pôs o xaile por cima da cabeça e virou-se para o guarda.

– Eu livro-me disso – disse ele, tirando-lhe o papel.

Jovem, mas prudente. Não seria sensato ter consigo pormenores do encontro se a mandassem parar quando tentasse sair.

– Boa sorte – disse ele.

– Para si também.

Separaram-se sem uma palavra no corredor lá fora, depois de o guarda lhe indicar o caminho, antes de desaparecer nas entranhas escuras do edifício.

Irina passou pelos degraus que conduziam às salas de interrogatório, silenciosas àquela hora, e dirigiu-se para a escadaria de pedra ao final do corredor.

Estava curiosa para ver até onde conseguiria chegar.

No patamar lá em cima, passou por uma fila de gabinetes que flanqueavam um corredor antes de se ver no átrio principal. Havia um guarda de serviço a uma grande secretária ao pé da porta, inclinado sobre a papelada. Ela parou para lhe mostrar o seu passe. Ele acenou-lhe que seguisse, quase irritado, e Irina perguntou-se se ele também estaria envolvido naquilo.

Lá fora, no pátio sombrio, ninguém lhe prestou a mínima atenção, nem os soldados que se apinhavam em volta da braseira, nem o oficial que barafustava com os dois mecânicos que estavam a mexer no motor de um camião com uma cobertura de lona.

Seria realmente assim tão simples? Um mero pedaço de papel?

Havia ainda as sentinelas ao portão principal por quem tinha de passar, mas já via a liberdade aparecer por trás do arco alto, a ficar cada vez maior à medida que se ia aproximando. Uma olhadela rápida por cima do ombro confirmou que não estava a ser seguida.

Uma das sentinelas tirou a espingarda do ombro, mantendo um olhar atento sobre ela enquanto o outro verificava o passe, comparando-o com um livro de registo na pequena guarita que lhes servia de casa da guarda. Uma rajada de vento áspero assobiou pela arcada, a picar nos olhos dela. E então, subitamente, tudo estava em ordem. O passe desapareceu no interior de uma gaveta. Anna Constantinov podia ir.

Como é que Tom tinha feito isto? Ninguém estava realmente à espera que ele tentasse, quanto mais que o pusesse em prática, especialmente ela.

Enterrou as mãos nos bolsos e saiu para a rua, sem saber exatamente o que pensar nem o que fazer. Precisava de tempo para refletir sobre o assunto.

Não tinha dado mais de uma dúzia de passos hesitantes pelo pavimento gelado quando sentiu uma mão pousar no seu ombro e ouviu uma voz familiar, arrastada e irónica, perto do seu ouvido.

– Vais a algum lado, Irina?

Tom acendeu mais uma vela, uma desculpa para esticar as pernas e aquecer os dedos por cima das chamas trémulas. Tinha passado mais de uma hora na Capela Alexander Nevsky, a maior parte de joelhos, de cabeça baixa, a fingir que estava a rezar. Um banco teria sido agradável, uma cadeira, qualquer coisa, mas os assentos nunca tinham constado lá muito no modo de pensar da Igreja Ortodoxa Russa. Isso permitia-lhes amontoar as pessoas lá dentro. Mil e quatrocentas almas conseguiam caber dentro da Catedral de St. Isaac; pelo menos, era isso que Irina lhe tinha dito quando o levava lá pela primeira vez, pouco depois de ele ter chegado a Petrogrado. A sua guia de cabelos negros faltava às aulas no Conservatório para lhe mostrar as vistas.

Tinha sido numa manhã luminosa de junho, com o sol a brilhar na grande cúpula dourada e a expor a opulência faustosa do interior: o desenho intrincado do chão de mármore, os degraus de jaspe polido, as colunas de malaquite verde e de lazurite azul, as paredes embutidas de pórfito e de pedras semipreciosas, o estuque dourado e as estátuas por toda a parte. A primeira impressão de Tom tinha sido a de uma explosão de cores fragmentadas, como se tivesse entrado no caleidoscópio de uma criança.

Ele tinha tido as reações certas, mas Irina lera os seus pensamentos e sentira as suas reservas.

A igreja dele, a igreja da sua juventude, era uma coisinha humilde envolvida por hera numa aldeia nos arredores de Norwich, onde a humidade fazia ondas nas paredes nuas de estuque e onde Mr. Higginbotham, o fabricário, uma vez tinha ameaçado demitir-se do seu posto porque o novo paramento do altar ostentava uma orla bordada. O pai de Tom tratara de devolver o artigo ofensivo à Wippell, que tinha enviado logo outro adequadamente sóbrio.

- O seu pai é padre? – perguntara Irina.
- Vigário.
- Há alguma diferença?
- Suponho que não. É só porque nunca ouvi o meu pai referir-se a si mesmo como padre.
- Estou surpreendida – dissera Irina, inclinando a cabeça para ele.
- O quê, eu irradio alguma aura sacrílega?

Foi a primeira vez que ele a viu rir e ainda se conseguia recordar de como o seu coração se tinha animado com isso.

Como é que eles tinham passado dessa situação até esta em pouco mais de seis meses?

Ele sabia a resposta, claro. Algumas semanas depois dessa primeira visita a St. Isaac, o czar Nicolau e a família imperial tinham sido assassinados, mortos pelos Bolcheviques (na cave de uma casa em Ecatemburgo, a acreditar no relatório secreto que tinha passado recentemente pelas suas mãos em Helsínquia). O ponto de viragem real, no entanto, tinha sido o atentado à vida de Lenine no final de agosto – duas balas, uma no peito e outra no pescoço – quando o líder dos Bolcheviques ia a sair de uma reunião em Moscovo. Ninguém tinha tido esperança de que Lenine escapasse, mas mesmo antes de se tornar evidente que iria sobreviver, o Terror Vermelho já se tinha desencadeado: uma repressão brutal destinada a acabar com a vaga crescente de antibolchevismo no país.

Suspeitando de envolvimento britânico na conspiração de assassinato, a Cheka tinha irrompido pela embaixada em Petrogrado. Era um sábado e Tom não se encontrava no edifício naquela altura, mas Yuri, o porteiro, sim. Tinha sido Yuri quem tinha ido à procura de Tom no Clube Inglês e lhe descrevera a morte do capitão Cromie, o chefe do Departamento de Informação Naval, abatido com uma bala na nuca depois de um tiroteio feroz na escadaria principal. O chefe de Tom, Bruce Lockhart, líder da missão diplomática britânica especial na Rússia, tinha sido preso, e a Cheka emitira um mandado de captura para Tom.

Yuri estava acompanhado por um finlandês alto e taciturno, encarregado de fazer Tom desaparecer nessa mesma tarde. Apesar dos protestos de Tom, o finlandês não o tinha deixado ver Irina antes de partir. A maldade estava no ar. E além disso não havia tempo. O último comboio da estação de Okhta saía às sete horas.

O verão curto de Tom na capital russa tinha terminado abruptamente com aquela viagem para norte: de comboio para Grusino numa carruagem fechada, apinhada de refugiados silenciosos, depois uma caminhada extenuante através das florestas e dos pântanos, a evitar as patrulhas, atormentado a cada passo pelas lembranças da mulher que tinha sido obrigado a deixar para trás. Nem depois de atravessarem o posto fronteiriço a rastejar, para a Finlândia e para a liberdade, ele tinha experimentado alguma sensação de regozijo.

A perspetiva pavorosa de repetir aquela mesma viagem perigosa – não só no pino do inverno como também com Irina a reboque – arrancou Tom aos seus devaneios.

Os seus olhos dardejaram para o saco de roupas que tinha escondido ao canto da capela, fora da claridade das velas. Não conseguia distingui-lo nas sombras, mas sentia que estava ali, tal como sentiu a presença de alguém atrás de si.

Virou a cabeça de repente, esperançoso.

Não era Irina; era um jovem padre, pouco mais velho do que Tom, que tinha, no entanto um aspeto cansado e perturbado.

– Se Ele ainda não te tiver ouvido nesta altura, duvido que Ele ouça alguma coisa.

Tom devolveu-lhe o ligeiro sorriso, mas não disse nada.

– Tempos difíceis.

– Sim, padre.

– *Vade in pacem* – disse o padre suavemente antes de se afastar para a escuridão que encobria a área central da catedral.

Talvez tivesse sido por causa do ar exausto do jovem padre, mas Tom sentiu-se atravessado por um arrepijo súbito de desconforto. Reparava agora que faltavam alguns dos ícones nas paredes da capela. Roubados ou removidos para a sua própria

proteção? De qualquer maneira, a sua ausência apontava para uma mudança agourenta na ordem natural das coisas. Uma história passou pela sua mente, uma coisa que Irina uma vez lhe tinha contado. Ela tinha estado presente quando duzentas vítimas da chamada “Revolução sem Sangue” tinham sido sepultadas no Champ de Mars. Aparentemente, nenhuma cruz tinha sido levada na procissão e nenhum padre tinha sido autorizado a officiar nos enterros.

Irina. Estaria ela a tentar dizer-lhe alguma coisa? Normalmente, Tom teria posto a ideia de parte como um disparate supersticioso, mas naquele momento o medo tinha-se alojado no seu peito. Porque é que tinha escolhido a Catedral de St. Isaac? Por achar que era segura? Nenhum sítio era seguro na nova Rússia. Não havia de facto lugar para noções obsoletas de proteção religiosa.

Era um tolo. No mínimo, deveria ter ficado no exterior da catedral, cujas paredes espessas que se elevavam para a escuridão estavam a começar a parecer-se mais com as de uma prisão do que com as de um lugar de culto. Até os santos de mosaico encaixados na iconóstase de mármore que se erguia à sua frente pareciam agora olhar para ele com uma certa desaprovação, a repreenderem-no pela sua estupidez.

Tom apressou-se a tirar o saco que estava nas sombras. O parque mesmo à frente do portal norte deixá-lo-ia ver a Avenida do Almirantado e Irina a aproximar-se. Mais importante ainda era o facto de poder ver se ela estava a ser seguida.

Recusou-se a considerar a possibilidade de ela nem sequer aparecer. Se a missão tivesse falhado, não haveria segundas oportunidades.

Estava a dez metros de distância da porta norte quando os viu entrar na catedral, mesmo à sua frente. Não estavam de uniforme, não precisavam de estar. A maneira como se moviam, o propósito arrogante dos seus passos, mostrava que os dois eram da Cheka. O instinto de Tom era dar meia volta e fugir, mas sabia que nesta altura eles já teriam bloqueado as portas sul e oeste.

A estender a mão aberta, avançou em direção aos dois homens.

– Alguns rublos, camaradas – pediu pateticamente –, para um veterano de Tannenberg.

A menção à batalha sangrenta não conquistou qualquer simpatia.

– Os seus documentos – exigiu o mais baixo dos dois chekistas.

– Já não como há dias.

Não andava longe da verdade, mas a mão de Tom foi sacudida para o lado.

– Documentos!

– Deixa-o – resmungou o outro. – Ouviste o que disse o Zacharov; ele tem barba.

Zacharov. Não teve tempo de processar aquela notícia – nem de agradecer a precaução de última hora em ter mudado de aspeto – quando outros dois homens entraram pelo edifício pela porta norte. Tinham casacos de cabedal cruzados por bandoleiras e o mais alto dos dois chekistas virou-se para eles.

– Neratoff, guarda a porta.

Qualquer suspeita que Neratoff pudesse ter a respeito de Tom foi posta de parte quando o chekista mais baixo o empurrou para o lado. O homem mal vestido com o saco na mão tinha evidentemente sido revistado e ilibado.

Enquanto os outros três polícias se espalhavam pela catedral, Tom passou acanhadamente pelo olhar severo de Neratoff e saiu pelas portas.

Na sua pressa de deixar o perigo atrás de si, escorregou nos degraus gelados que desciam do pórtico cheio de colunas. Ao cair desamparado, sentiu qualquer coisa ceder no seu pulso. Reprimiu um grito, sem querer atrair atenções para si.

Olhou para as duas pontas da Avenida do Almirantado: os passeios estavam desertos e apenas um *isvochik* se vinha a aproximar, puxado por um cavalo branco e desgrenhado. Estava livre e Tom acenou-lhe para parar, quase a rir-se do absurdo da sua boa sorte.

O condutor, abafado em peles, estava a fazer parar o pequeno trenó quando Tom ouviu o grito.

– Detenham-no!

Vinha da catedral. O chekista alto parecia mais pequeno entre duas das colunas do portal norte, a acenar furiosamente.

– Detenham-no! – berrou novamente. – É um inimigo dos soviets!

Com um estalar das rédeas do condutor, o cavalo desatou a trotar e o trenó foi-se. Tom cambaleou atrás dele, incapaz de o alcançar pela neve compacta, ficando rapidamente para trás à medida que o trote passava para um meio galope. Apercebendo-se da futilidade da perseguição, virou à esquerda, atravessou a rua e desapareceu no parque do outro lado.

Por cima, uma meia-lua estava suspensa no céu sem nuvens e ele conseguia distinguir uma vereda com facilidade, mesmo para lá da mancha de luz que o candeeiro da rua lançava. Infelizmente, isto significava também que os seus perseguidores não teriam dificuldade em seguir as suas pegadas fundas na neve.

Aquele primeiro berro solitário tinha-se agora transformado num coro nas suas costas. Em inferioridade numérica, a única coisa que tinha a seu favor era o facto de se ter preparado para aquelas situações. A neve no parque estava funda, até à coxa em alguns sítios, tal como já tinha visto na Finlândia. Antes de partir de Helsínquia, tinha treinado bastante, a antecipar a sua fuga da Rússia, chegando por vezes a extremos quase masoquistas. Não só estava em melhores condições físicas do que alguma vez tinha estado, como também se tinha acostumado à fome e ao frio, até ao ponto de a sua mãe mal ser capaz de reconhecer o espectro magro e chupado do filho se ele lhe aparecesse à frente. Tinha deixado crescer a barba e tinha aprendido a coxear de um modo convincente, reduzindo alguns centímetros à sua altura e tornando-o mais um entre a multidão.

– Venham lá, seus sacanas – murmurou Tom para si mesmo. – Vamos ver o que vocês têm.

Aquilo que eles tinham, pelos vistos, era armas. E não tinham receio de as usar.

Os primeiros tiros atravessaram os ramos esqueléticos por cima da sua cabeça. Calculou que fossem tiros de aviso até ouvir qual-

quer coisa a passar com um assobio junto à sua orelha esquerda; a morte a falhá-lo por uma questão de centímetros.

Baixou-se e continuou a avançar, sabendo que cada metro ganho a custo se iria transformar em três ou quatro quando o parque cheio de neve desembocasse no Cais do Almirantado. Perdeu um pouco do avanço quando foi atirado subitamente para a neve, como se uma mão fantasma o tivesse empurrado com força pelas costas. Pôs-se de pé rapidamente e percebeu que a bala devia ter atingido o saco pendurado no seu ombro, cravando-se no molho de roupa que tinha trazido para Irina.

Um impulso primitivo para sobreviver, para viver mais além dos seus vinte e dois anos, apossou-se completamente dele naquele momento. Avançou a custo, como um homem a correr dentro de água até à cintura para ir salvar uma criança a afogar-se. Felizmente, os berros dos seus perseguidores tinham enfraquecido quase até já não se ouvirem na altura em que finalmente saiu no Cais do Almirantado.

Sabia que a calmaria gelada do rio estava logo por trás do muro baixo à sua frente. Deveria arriscar, escorregar pelo gelo, sair para espaço aberto? Não. Virou à esquerda, afastando-se do edifício do Almirantado, com as pernas a arder mas ainda cheias de genica.

“Corre”, disse ele a si mesmo, “acalma a respiração e alarga o passo”. Ia meter pela próxima rua à esquerda, encaminhar-se para sul, desaparecer pelas ruelas em volta do Teatro Mariinsky.

Tom vislumbrou a arma na mão do outro homem numa fração de segundo antes de chocarem. Ambos tinham abrandado para virar a esquina, mas o impacto de frente fê-los cair na mesma, num emaranhado de membros.

A arma. Onde estava ela? Já não estava na mão do homem, mas sim ao seu alcance. Tom desferiu um pontapé, bateu com o tacão da bota na cabeça do homem e atingiu-o na têmpora. Isto concedeu-lhe um segundo precioso, suficiente para lhe dar uma hipótese de lutar. Debateram-se e esgatanharam-se os dois pela posse da arma.